



## DAVID HUME E JANE AUSTEN: O SENTIMENTO E A CONSTRUÇÃO DA MODERNA HISTORIOGRAFIA INGLESA \*

Flávia Florentino Varella\*\*

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

[flavia\\_varella@hotmail.com](mailto:flavia_varella@hotmail.com)

**RESUMO:** Neste artigo, discutimos a relação entre historiografia e romance a partir das obras do historiador David Hume e da romancista Jane Austen. Hume produziu um programa historiográfico que avalizava o sentimento como categoria de explicação do movimento histórico e via na identificação do leitor com a narrativa um aspecto fundamental de sua obra. Em sua “History of England”, Hume utilizou-se do recurso à sentimentalidade na composição de suas principais personagens femininas. Em diversos momentos de sua obra, Jane Austen parece defender uma concepção moderna de historiografia capaz de incorporar o sentimento, em oposição aos modelos clássicos contra os quais já se erguia o projeto de Hume.

**ABSTRACT:** This paper discusses the relationship between historiography and romance through the analysis of some works of David Hume and the novelist Jane Austen. Hume produced a historical program that uses sentiment as explanatory categories of the historical process. From Hume’s perspective it was essential to produced identification between the reader and the historical narrative personalities. In the “History of England” Hume makes use of sentimentality in the composition of his female character. In several passages of her novels, parodies and letters, Jane Austen seems to argue in favor of a modern concept of historiography against the classic models that the Hume’s project has rejected.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance – Historiografia – Representação

**KEYWORDS:** Romance – Historiography – Representation

### I. Introdução

Os valores da sociedade aristocrática do *ancient régime* eram fundados na posição estamental do sujeito e no seu comportamento na corte. O que dava sentido e definia a pessoa eram os aspectos externos. Com o surgimento da sociabilidade burguesa os fatores explicativos do ser humano sofreram transformações. O homem

---

\* Agradeço a leitura e sugestões do Prof. Valdeci Lopes de Araujo do Departamento de História da UFOP. Uma primeira versão deste texto foi apresentada como trabalho na disciplina *Historiografia e Romance*, ministrada pelo referido professor, no 1º semestre de 2005.

\*\* Graduanda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto.

burguês passou a ser definido pela sua interioridade e a posição estamental perdeu seu valor frente à nova ordem: a igualdade. Os ritos institucionalizados de comportamento foram substituídos como signo de verdade para se adotar o pensamento e o sentimento como formas explicativas tanto do ser humano quanto de suas ações. Assim, também “modificam-se as relações entre autor, obra e público: tornam-se relacionamentos íntimos entre pessoas privadas, onde os interesses de ordem psicológica se orientam para o “humano”, tanto para a introspecção quanto para a empatia mútua entre as pessoas privadas interessadas”.<sup>1</sup> Neste artigo, abordaremos como a passagem da sociedade aristocrática para a burguesa influenciou o modo como a história foi pensada e escrita no trabalho historiográfico e no romance.

O escocês David Hume ficou conhecido pelas suas obras filosóficas, mas aqui analisaremos de perto sua extensa obra historiográfica intitulada **History of England: of the invasion of Julius Caesar to the revolution in 1688**, escrita entre 1754 e 1761, em seis volumes. O primeiro (1754) e segundo (1757) volumes tratam do reinado dos Stuarts, o terceiro e quarto (1759) dos Tudors, o quinto e sexto (1761) das fundações antigas da Inglaterra. A obra começou a ser escrita do tempo mais próximo para o passado, porém atualmente é publicado na ordem inversa da composição original. Ao lado de Edward Gibbon e William Robertson, David Hume ficou conhecido como um dos pais fundadores da historiografia inglesa moderna. A **History of England** não será analisada em seu todo, e escolhemos o final do livro terceiro, que trata do reinado de Mary I e o livro quarto, que é dedicado inteiramente ao reinado de Elizabeth I. Tendo em vista a monumentalidade da obra, foram privilegiadas as partes consideradas fundamentais para entender a inserção do sentimento no interior da narrativa de Hume. O sentimentalismo será aqui entendido como um processo de empatia, entre o personagem, histórico ou não, e o leitor, detonado através da compaixão, piedade, reconhecimento, identificação, etc. Outro escrito central para a compreensão do projeto historiográfico de Hume é seu artigo “On the study of history” presente em seus **Essays**, no qual trata da função da história e de sua importância para o público feminino.

Por outro lado, analisaremos como a história foi pensada dentro dos romances de Jane Austen e as implicações existentes entre a concepção de romance e de história desta autora inglesa. Na composição de seus romances, Jane Austen privilegia a forma

---

<sup>1</sup> HABERMAS, Jürgen. Estruturas Sociais da esfera Pública. In: \_\_\_\_\_. **Mudança Estrutural na Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 67.

realista,<sup>2</sup> e aí veremos como essa busca pela realidade é importante para seu entendimento de como deve ser a escrita da história. O objetivo do romance é narrar a história de um personagem e explicá-lo por meio de sua interioridade. O que define um personagem deste gênero de escrita não é a sua aparência, mas sua trajetória, seus pensamentos mais íntimos, sua história individual. As principais obras de Austen utilizadas foram seus romances **Northanger Abbey** escrito entre 1798-9, publicado após sua morte em 1817, e **Mansfield Park**, além da sua paródia “**History of England**”, escrita em 1791. Trata-se, portanto, de escritos de juventude e de sua fase mais madura.

Tanto Jane Austen quanto David Hume indicam novos métodos e abordagens que a história deveria seguir. O objetivo principal deste artigo é mostrar como a proposta de Hume de uma historiografia moderna foi avalizada pela romancista Jane Austen em dois pontos principais: na inserção do sentimento na narrativa – e, conseqüentemente, no processo de empatia do leitor como o personagem – e na ampliação do objeto histórico. A história e a literatura tiveram que responder a nova ordem social burguesa que via a interioridade do ser humano como fator explicativo da realidade. O artigo está organizado em duas partes. A primeira dedicada às tendências historiográficas adotadas por Hume e como o sentimento é empregado em sua **History of England**. A segunda parte abordará a proposta de representação da realidade no romance explorado por Jane Austen e como isso influenciou diretamente sua concepção de história. Objetivamos, assim, demonstrar como o projeto de escrita da história formulado pela historiografia inglesa moderna, aqui representada por Hume, foi defendido e aceito por Jane Austen, uma romancista.

## II. A História da Inglaterra de Hume: sentimento, simpatia e comoção

### A. Composição e Modelos

Os três elementos de composição centrais na **History of England** são: a história filosófica, a história dos costumes e a história baseada no modelo retórico clássico. A proposta de uma história filosófica, amplamente adotada no século XVIII, também orientou a narrativa de Hume. Uma história escrita filosoficamente tem como

---

<sup>2</sup> WATT, Ian. O realismo e a forma romance. In: \_\_\_\_\_. **A ascensão do romance**: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 11-33.

ponto principal “esboçar a história geral da humanidade de modo a provar a realidade de um ou outro princípio da natureza humana, demonstrando seu papel em fornecer coerência racional ao curso da história humana”.<sup>3</sup> A partir de um fio condutor histórico (um objetivo e objeto ao mesmo tempo) que organiza a narrativa é possível pensar a história como um processo linear e conjunto de uma civilização e explicá-la racionalmente.

O segundo elemento, a história dos “customs and manners”, permite a ampliação do público leitor de história. Apesar do alargamento de foco, ainda são os reis e rainhas que organizam a **History of England**, como demonstra a própria divisão do livro feita por Hume. A preocupação com os costumes é secundária frente a tradição da história política.

A historiografia do século XVIII, mesmo que já apresente novos elementos, continuou seguindo no que se refere ao estilo o modelo de escrita clássico. Os homens do setecentos viam-se como superiores aos antigos em matéria de ciência e conhecimento; porém, no que dizia respeito à escrita elevada, os historiadores antigos continuavam sendo a referência. Um dos motivos pelo qual Hume escreveu história foi sua preocupação com o estilo, ou melhor, com a falta de estilo dos escritores modernos. Enquanto os antigos tinham um modelo de escrita conciso, os modernos escrevem tediosamente, não passando de meros compiladores.<sup>4</sup> A admiração que Hume mantinha por Cícero desde muito cedo, fato que levou seus pais a pensarem que a melhor profissão para o filho seria a advocacia, é visível em seus escritos. Hume, seguindo Cícero e a retórica clássica, queria mostrar a história com todas as suas cores. É fato notório que numa história escrita no modelo retórico antigo, a composição é elemento de grande importância. Cícero, no **Ad Familiares**, propõe que:

De fato, a organização dos anais prende-nos mediocrementemente, da mesma forma que a enumeração dos fatos, enquanto frequentemente as desventuras perigosas e variadas de um homem eminentemente geram admiração, atenção, alegria, pena, esperança, medo; e se terminam com uma morte insigne, o espírito então se eleva pelo

---

<sup>3</sup> “Sketched the general history of humanity in order to prove the reality of one or another principle of human nature by demonstrating its role in furnishing rational coherence to the course of human history”. KRIEGER, Leonard. **Kings and Philosophers, 1689-1789**. New York: W. W. Norton & Company, 1970, p. 204.

<sup>4</sup> TODD, William. Forewords. In: HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 1, p. 12.

agradabilíssimo prazer da leitura.<sup>5</sup>

A coloração se dava na inserção de fatos ou elementos que proporcionassem vida a narrativa, era um dos deveres fundamentais do historiador clássico. Apesar de Hume se utilizar de um método de composição clássico, sua história se diferencia dos antigos em um elemento chave: o sentimento. Na Antigüidade o personagem era construído através de um modelo moral fundado na aprendizagem através dos exemplos de vício e de virtude. Essa estrutura gerava pessoas-modelo, ou seja, eram construídos exemplos a serem seguidos, não indivíduos complexos com suas especificidades. Um dos principais elementos da modernidade é a negação do universal pela procura do individual. Uma das formas de presentificação da individualidade é o sentimento. Para gerar o sentimentalismo é necessário que se trate mais do que das paixões, deve-se abordar a própria interioridade do ser humano. Hume, com o advento da modernidade, tem à disposição outro modelo de explicação do sujeito e desvencilha-se, em grande medida, do *pathos* retórico. Em sua **History of England** o sentimento é empregado como elemento tanto de explicação do real como de aproximação com o leitor. Hume adiciona a sua história filosófica o sentimento para melhor explicar o processo histórico. A inserção do sentimento como forma auxiliar de explicar a realidade não foi um privilégio de Hume. Hugh Blair, em seu ensaio “Historical Writing”, ao tratar a especificidade do historiador latino Tácito, faz o seguinte comentário: “Tácito é eminente pelo seu conhecimento do coração humano, sentimental e refinado em um grau elevado: contém muita instrução sobre assuntos políticos, embora mais ainda sobre a natureza humana”.<sup>6</sup> Para qualquer leitor de Tácito a afirmação de Blair é, no mínimo, curiosa. Tácito não está interessado no “coração humano” ou no “sentimental”, mas Blair o entende e o explica desta forma.<sup>7</sup> Assim como Hume, Blair explica o mundo utilizando-se de uma compreensão do indivíduo moderno que tem no sentimento seu fator explicativo.

---

<sup>5</sup> Apud HARTOG, François. (Org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Tradução de Jacynto Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 157.

<sup>6</sup> “Tacitus is eminent for his knowledge of the human heart; is sentimental and refined in a high degree: conveys much instruction with respect to political matters, but more with respect to human nature”. BLAIR, Hugh. *Historical Writing*. In: \_\_\_\_\_. **Lectures on Rhetoric and Belles Lettres**. London: Charles Daly, 1839, p. 484.

<sup>7</sup> Adam Smith também coloca Tácito como tendo feito uso corrente do sentimento, ou seja, do temperamento e das disposições internas dos atores na narrativa, Cf. SMITH, Adam. **Lectures on Rhetoric and Belles Lettres**. Edited by J. C. Bryce. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, p. 112.

Contudo, o sentimentalismo não foi empregado em todos os casos por Hume, muitas vezes continua usando o modelo de comoção clássica,<sup>8</sup> como é o caso dos mártires. O autor explicita que:

a glória do martírio estimulava mais ainda a fúria dos zelotes, especialmente os líderes e pregadores. Quando uma violenta animosidade é excitada pela opressão, os homens naturalmente passam do ódio às pessoas dos seus tiranos para o mais violento repúdio de suas doutrinas. Os espectadores, apiedados dos supostos mártires, são facilmente seduzidos a adotar aqueles princípios, que podem inspirar os homens com a constância de aparência quase sobrenatural.<sup>9</sup>

Só é possível fabricar um mártir dentro dos padrões morais do vício e da virtude. No martírio não se morre por um objetivo pessoal, mas por um bem comum. A realização maior da noção de sofrimento pelo bem comum é encontrada no cristianismo, no qual o mártir morre por um bem universal.

## B. Instruir e Entreter

Em carta ao seu amigo Mure, Hume escrevia que “antes de tudo um historiador deve ser verdadeiro e imparcial; a seguir, deve ser interessante. Se você não disser que eu fui justo para ambos os partidos; e se a Senhora Mure não se apiedar pelo pobre Rei Charles, devo queimar todos os meus manuscritos e voltar para a Filosofia”.<sup>10</sup> Hume acreditava que a história imparcial e verdadeira teria como público o homem e, por outro lado, a história que comove, fazendo com que o leitor demonstre compaixão pelo agente histórico, teria como público alvo as leitoras. Sem aprofundar no mérito da questão, Hume achava que as mulheres estariam interessadas nos escritos históricos por causa da comoção que desejavam encontrar e, desta forma, a empatia seria um elemento chave. No seu ensaio “On the study of History”, o historiador demonstra sua

---

<sup>8</sup> HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 293; 301; 272 para alguns exemplos.

<sup>9</sup> “The glory of martyrdom stimulates all the more furious zealots, especially the leaders and preachers: Where a violent animosity is excited by oppression, men naturally pass, from hating the persons of their tyrants, to a more violent abhorrence of their doctrines: And the spectators, moved with pity towards the supposed martyrs, are easily seduced to embrace those principles, which can inspire men with a constancy that appears almost supernatural”. HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 3, p. 291.

<sup>10</sup> “The first Quality of a Historian is to be true and impartial; the next to be interesting. If you do not say, that I have done both Parties Justices; and if Mrs Mure be not sorry for poor King Charles, I shall burn all my Papers, and return to Philosophy”. PHILLIPS, Mark Salber. **Society and Sentiment: genres of historical writing in Britain, 1740-1820**. New Jersey: Princeton University Press, 2000, p. 279.



preocupação em alargar o público leitor de história. Este ensaio consiste, basicamente, na defesa da leitura de história para o público feminino. Hume argumenta que:

não há nada que eu recomendaria mais francamente para minhas leitoras do que o estudo da história, como uma ocupação, dentre todas, a mais adequada para seu sexo e educação, muito mais instrutiva do que os seus ordinários livros de divertimento, e mais recreativa que essas sérias composições que são freqüentemente encontradas nos seus gabinetes.<sup>11</sup>

Hume entendia a história como parte fundamental da educação feminina na medida em que ela era mais instrutiva que “seus ordinários livros de divertimento”, ou seja, o romance, e mais divertida que as “sérias composições”. Podemos supor que este último é referência aos livros religiosos, já que eram parte fundamental da educação feminina. Na passagem acima, Hume aponta duas funções para a história: educar e entreter o leitor, funções essas que já preocupavam os historiadores antigos. Hume acredita que a história mostraria a natureza humana em sua plenitude, em todas as suas cores, e que os membros do “nosso sexo, como os do delas, estão longe de ser essas criaturas perfeitas que estão inclinadas a imaginar, e *Esse Amor* não é a única paixão que governa o mundo masculino, mas é freqüentemente ultrapassado pela avareza, ambição, vaidade e milhares de outras paixões”.<sup>12</sup> Essa postura realista frente ao mundo será a mesma de Jane Austen.

Em outra passagem, Hume defende o estudo da história para o sexo feminino por três motivos. Primeiramente, ela é um entretenimento mais agradável para observar a sociedade humana em sua infância avançando para a perfeição. Segundo, o conhecimento histórico traz erudição, o que é fundamental para que entre marido e mulher haja algum tipo de conversação sustentável. E, por último, a história fortalece o caráter, pois os historiadores são os verdadeiros amigos da virtude.<sup>13</sup> Hume acreditava

---

<sup>11</sup> “There is nothing which I would recommend more earnestly to my female reader than the study of history, as an occupation, of all others, the best suited both to their sex and education, much more instructive than their ordinary books of amusements, and more entertaining than those serious compositions, which are usually to be found in their closets”. HUME, David. *Of the Study of History*. In: \_\_\_\_\_. **Essays**: moral, political and literary. Indianapolis: Liberty Fund, 1985, p. 563.

<sup>12</sup> “Our sex, as well as theirs, are far from being such perfect creatures as they are apt to imagine, and *That Love* is not the only passion, which governs the male-word, but is often overcome by avarice, ambition, vanity, and a thousand others passions”. HUME, David. *Of the Study of History*. In: \_\_\_\_\_. **Essays**: moral, political and literary. Indianapolis: Liberty Fund, 1985, p. 564.

<sup>13</sup> HUME, David. *Of the Study of History*. In: \_\_\_\_\_. **Essays**: moral, political and literary. Indianapolis: Liberty Fund, 1985, p. 565-567.

que a novela e o romance<sup>14</sup> apresentam uma realidade distorcida, pois têm aversão aos fatos e um apetite para o falso, enquanto a história é o gênero que representa as próprias cores da virtude, o verdadeiro caráter da raça humana, é a melhor opção de leitura e de experiência para o sexo feminino.<sup>15</sup>

Além de visar um público leitor feminino, que de fato progressivamente começa a se interessar por história, o próprio Hume viu a necessidade de ampliar seu objeto histórico e renovar suas categorias de explicação. Em uma passagem na qual interrompe a narrativa do reinado de Elizabeth, coisa atípica em sua **History of England**, faz o seguinte comentário:

relatamos esses incidentes com mais lentidão que a necessidade do nosso assunto talvez pareça requerer. Mas mesmo circunstâncias triviais, as quais mostram os hábitos de uma época, são muito mais instrutivas, assim como capazes de entreter, que as grandes transações das guerras e negociações, as quais são bastante similares em todos os períodos e em todos os países do mundo.<sup>16</sup>

Novamente Hume insiste na dupla função da história: instruir e entreter,<sup>17</sup> mas acrescenta um elemento novo: as “circunstâncias triviais”. Os incidentes nos quais se detém tão longamente são os ocorridos entre a saída de Mary, rainha dos escoceses, da França até sua chegada na Escócia. A partida de Mary é marcada por sua terna despedida, assim descrita por Hume: “Mary tinha mais uma vez a oportunidade de ver a costa francesa. Ela acomodou-se em sua poltrona e olhando em direção a terra, freqüentemente repetia estas palavras: ‘Adeus França, adeus; nunca mais a verei de

---

<sup>14</sup> Ao contrário de Hume que não distingue o romance da novela, Hugh Blair em seu ensaio **Philosophical Writing – Dialogue – Epistolary Writing – Fictitious History**, diferencia detalhadamente a novela do romance utilizando aspectos cronológicos, formais e conteudísticos para separar um gênero do outro.

<sup>15</sup> HUME, David. Of the Study of History. In: \_\_\_\_\_. **Essays**: moral, political and literary. Indianapolis: Liberty Fund, 1985, p. 564.

<sup>16</sup> We have related these incidents at greater length, than the necessity of our subject may seem to require: But even trivial circumstances, which show the manners of the age, are often more instructive, as well as entertaining, than the great transactions of wars and negotiations, which are nearly similar in all periods and in all countries of the world. HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 25.

<sup>17</sup> A dupla função da história de instruir e entreter foi apontada também por SMITH, Adam. **Lectures on Rhetoric and Belles Lettres**. Edited by J.C. Bryce. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, p. 90, escrito entre 1762 e 1763. Curiosamente Blair, em 1783, atribui a história apenas a função de instruir, esquecendo completamente seu caráter de entretenimento que era tão marcante para Hume. Blair aponta como característica da tragédia, comédia, romance, música, o entretenimento, etc.



novo””.<sup>18</sup> Plutarco quando distingue a biografia da história na **Vida de Alexandre** aponta que:

não são, por certo, as ações mais preclaras que evidenciam a virtude ou o vício; muitas vezes, um ato sem importância, uma frase, um gracejo qualquer revelam melhor um caráter do que as batalhas de milhares de baixas, os exércitos em linha mais extensos e os sítios das cidades.<sup>19</sup>

Plutarco estava preocupado em mostrar o caráter do biografado e para tanto via seu comportamento, principalmente quando este não estava destinado à publicidade, como revelador. Hume aposta nesse tipo de interpretação só que a expande, colocando o sentimento do indivíduo como parte reveladora de uma época.

Acreditamos que não foi apenas para agradar e ampliar o público leitor de história que o sentimento entra no jogo, o que é inegável, mas o entendemos como um fenômeno histórico. Hume seguia uma história filosófica que tinha como pressuposto básico explicar racionalmente o curso dos eventos, contudo a época em que vivia foi mais forte que sua proposição teórica. Hugh Blair propunha que os



fatos gerais produzem uma leve impressão na mente. É através das circunstâncias e particularidades propriamente escolhidas que a narração torna-se interessante, tocando o leitor. Isso dá vida, corpo e colore a narrativa dos fatos e nos qualifica a suportá-los como se estivessem presentes e acontecendo diante de nossos olhos. É este emprego das circunstâncias na narração que é propriamente chamado de pintura histórica.<sup>20</sup>

A comoção que a pintura histórica apresenta ao leitor é teorizada desde a Antigüidade e Hume não deixou de lado esse primoroso elemento em sua história. Mas Blair, assim como Hume, está pensando em uma coloração que vai além do modelo clássico do *pathos*. Ambos propõem circunstâncias e particularidades reveladoras da individualidade, ou seja, o sentimento. É produzida, então, uma releitura moderna dos recursos formais da historiografia clássica.

---

<sup>18</sup> “Mary had once more an opportunity of seeing the French coast. She sat up on her couch, and still looking towards the land, often repeated these words: ‘Farewell, France, farewell; I shall never see thee more’”. HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 21.

<sup>19</sup> PLUTARCO. Alexandre. In: \_\_\_\_\_. **Vidas**. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 138.

<sup>20</sup> “General facts make a slight impression on the mind. It is by means of circumstances and particulars properly chosen, that a narration becomes interesting and affecting to the reader. These give life, body, and colouring to the recital of facts, and enable us to behold them as present, and passing before our eyes. It is this employment of circumstances, in narration, that is properly termed historical painting”. BLAIR, Hugh. **Historical Writing**. In: \_\_\_\_\_. **Lectures on Rhetoric and Belles Lettres**. London: Charles Daly, 1839, p. 487.

Hume emprega o sentimento em maior grau na composição de suas personagens femininas, melhor seria dizer, de suas rainhas. Quanto maior a caracterização feminina maior é o emprego do sentimento. Mais adiante veremos que quando se trata de Elizabeth o sentimento como elemento de comoção não é empregado correntemente.

Mary, rainha da Escócia, a primeira rainha da Inglaterra que nos interessa mais de perto dentro do relato de Hume, é descrita como uma mulher vulnerável à influência dos homens que a rodeiam. Mary foi acusada de planejar o assassinato de seu marido com seu amante, Bothwell, para depois casar-se com ele. Hume descreve a situação da seguinte forma:

Esta mulher que, em um momento crítico e perigoso, sacrificou sua honra a um homem desprovido de princípios, pôde então ser levada cegamente por ele a cometer os maiores crimes, e ficou, na realidade, desprovida do controle sobre si mesma. Embora uma suposição restaria ainda para aliviar sua culpa, nomeadamente, a de que Bothwell, presumindo sua afeição por ele, acabou por cometer o crime e nunca comunicou a ela tal ato, mesmo assim, um repentino e apaixonado amor por um homem que ela conhecia há tanto tempo não pode facilmente ser assegurado como certo sem supor algum grau de culpa anterior; e, ao que parece não foi refreada, depois disso, pela vergonha ou pela prudência de incorrer no mais alto perigo e culpa. Não é provável que seu senso de dever ou humanidade tivesse grande poder de influência sobre ela.<sup>21</sup>



Mark Salber Philips argumenta que, em Hume, a base para o entendimento histórico é colocada nas paixões, fazendo com que os sentimentos humanos tenham centralidade histórica. Hume troca a ênfase na ação para privilegiar a experiência e percepção dos personagens históricos.<sup>22</sup> Mary é um exemplo dessa mudança de foco explicativo. É interessante notar que, quanto mais virtudes femininas a personagem tiver, maior será a exploração do sentimento por Hume. Essa relação pode ser explicitada por uma carta, citada anteriormente, na qual Hume escreve que as mulheres

---

<sup>21</sup> “That a woman who, in a critical and dangerous moment, had sacrificed her honor to a man of abandoned principles, might thenceforth be led blindfolded by him to the commission of the most enormous crimes, and was in reality no longer at her own disposal: And that, though one supposition was still left to alleviate her blame, namely, that Bothwell, presuming on her affection towards him, had of himself committed the crime, and had never communicated it to her, *yet such a* sudden and passionate love to a man, whom she had long known, could not easily be accounted for, without supposing some degree of preceding guilt; and as it appeared, that she was not afterwards restrained, either by shame or prudence, from incurring the highest reproach and danger, it was not likely that a sense of duty or humanity would have a more powerful influence over her”. HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 58.

<sup>22</sup> PHILLIPS, Mark Salber. **Society and Sentiment**. New Jersey: Princeton University Press, 2000, p. 207.

estavam mais interessadas em emoção e, talvez possamos inferir, possam ser explicadas também por elas.

Outra rainha que merece destaque é Mary I, que na visão de Hume teve um casamento desgraçado com Philip II. Frequentemente Hume associa as más decisões políticas de Mary às suas inconstâncias e decepções em relação ao casamento com Philip, sempre num viés de descrição típico, como mostra a citação abaixo:

O espírito de oposição, que começou a prevalecer no parlamento, era a fonte mais provável de incômodos para Mary, **como ela estava, por outro lado, em péssimo humor, em razão da ausência de seu marido, o qual cansado de seu inoportuno amor e ciúmes,** e achando sua autoridade extremamente limitada na Inglaterra, aproveitou-se da primeira oportunidade para deixá-la e foi estar no último verão com o Imperador de Flandres. **A indiferença e negligência de Philip, somados ao desapontamento com sua imaginada gravidez, lançou-a em profunda melancolia, ela deu vazão ao seu tédio reforçando diariamente a perseguição contra os protestantes, e ainda com expressões de raiva contra todos os seus súditos pelos quais ela sabia ser odiada e cuja oposição, ao recusarem inteira obediência a Philip, foi o motivo, ela acreditava, que o levou a perder sua afeição por ela [...]** Quanto menos ela sentia seu amor retribuído, mais ele aumentava e ela passou a maior parte de seu tempo na solidão, onde dava vazão a sua paixão, tanto em lágrimas ou escrevendo suas ternas cartas para Philip, que raramente respondia e pouquíssimas vezes condescendeu em parecer sentir qualquer amor ou mesmo gratidão por ela.<sup>23</sup>



Se não fosse dado que tal trecho faz parte de uma obra de História, com certeza seria tomado como parte de algum romance sentimental. Romance este que trataria da pobre mocinha que tenta a todo custo conseguir o amor de seu marido, mas que sempre falha, e sofre. Hume correntemente explica os atos governamentais desta rainha de acordo com seus sentimentos em relação a seu marido. Tal percepção da mulher no

---

<sup>23</sup> “The spirit of opposition, which began to prevail in parliament, was the more likely to be vexatious to Mary, as **she was otherwise in very bad humor, on account of her husband’s absence, who, tired of her importunate love and jealousy,** and finding his authority extremely limited in England, had laid hold of the first opportunity to leave her, and had gone over last summer to the emperor in Flanders. **The indifference and neglect of Philip, added to the disappointment in her imagined pregnancy, threw her into deep melancholy; and she gave vent to her spleen by daily enforcing the persecutions against the protestants, and even by expressions of rage against all her subjects; by whom she knew herself to be hated, and whose opposition, in refusing an entire compliance with Philip, was the case, she believed, why he had alienated his affections, from her [...]** The less return her love met with, the more it increase; and she passed most of her time in solitude, where she gave vent to her passion, either in tears, or in writing fond epistles to Philip, who seldom returned her any answer, and scarcely deigned to pretend any sentiment of love or even of gratitude towards her”. HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 3, p. 297-298. Grifos nossos.

poder não era incomum entre os historiadores antigos,<sup>24</sup> nos quais Hume tanto se inspirou, porém não há nada que pareça com uma explicação que ressalte tanto os sentimentos e que construa um indivíduo complexo. Normalmente o que serve de apoio para as explicações da Antigüidade Clássica são as virtudes e os vícios, ou seja, aspectos morais. Hume também se utiliza deste modelo, mas o supera na medida em que insere o subjetivo do agente em sua explicação. É o que lemos na descrição da morte de Mary:

Mary vinha de um longo declínio em seu estado de saúde, e tendo confundido sua hidropisia com gravidez, fez uso de um regime inadequado, fazendo sua doença agravar-se diariamente. Toda a reflexão agora a atormentava. A consciência de ser odiada por seus súditos, a perspectiva da sucessão de Elizabeth, apreensões sobre o perigo a que a religião católica estava exposta, desgosto pela perda de Calais, preocupação com o mal estado de seus negócios, **e, acima de tudo, ansiedade pela ausência de seu marido**, o qual, ela sabia, pretendia em breve partir para a Espanha e permanecer lá o resto de sua vida. **Todas essas melancólicas reflexões apoderaram-se de sua mente e lançaram-na em uma febre persistente, da qual ela morreu, após um curto e desafortunado reinado de cinco anos, quatro meses e onze dias.**<sup>25</sup>

Mas uma vez Hume explica Mary pelos seus sentimentos privados e insiste na utilização da palavra melancolia para descrever a rainha. Isso não é corrente quando se trata de Elizabeth. Enquanto para a rainha da Escócia e para Mary I os sentimentos femininos eram inseparáveis do caráter, para Elizabeth é a falta da sentimentalidade que irá fazer seu sucesso político.<sup>26</sup> No reinado de Mary I, Hume fez questão de salientar vários assassinatos cometidos por ordem da rainha através de descrições longuíssimas, mas no governo de Elizabeth ele relativiza, alegando que “essas punições, embora severas, eram menos rigorosas do que as que, durante os reinados de seu pai e irmão,

---

<sup>24</sup> Para um aprofundamento nesta questão: VARELLA, Flávia Florentino. A proximidade feminina e a imagem imperial: Nero, Tácito & os Anais. **Revista eletrônica Cadernos de História**, ano 1, n. 1. Home Page: <[www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria](http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria)>

<sup>25</sup> “Mary had long been in a declining state of health; and having mistaken her dropsy for a pregnancy, she had made use of an improper regimen, and her malady daily augmented. Every reflection now tormented her. The consciousness of being hated by her subjects, the prospect of Elizabeth’s succession, apprehensions of the danger to which the catholic religion stood exposed, dejection for the loss of Calais, concern for the ill state of her affairs, **and, above all, anxiety for the absence of her husband**, who, she knew, intended soon to depart for Spain, and to settle there during the remainder of his life: **All these melancholy reflections preyed upon her mind, and threw into a lingering fever, of which she died, after a short and unfortunate reign of five years, four months, and eleven days**”. In: HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 3, p. 308. Grifos nossos.

<sup>26</sup> PHILLIPS, Mark Salber. **Society and Sentiment**. New Jersey: Princeton University Press, 2000, p. 272.

eram aplicadas em casos semelhantes”.<sup>27</sup> Um elemento importante para a caracterização de Elizabeth é a sua convicção de que não iria casar-se jamais. Hume dedica várias passagens à esse tema, em uma delas coloca Elizabeth indiretamente falando que:

a Inglaterra era seu marido, ligado a ela por este compromisso (e aqui ela mostrou o seu dedo com o mesmo anel de ouro com o qual solenemente comprometeu-se com o reino em sua ascensão ao trono) por isso, todos os ingleses eram seus filhos [...] E que de sua parte desejava que nenhuma caracterização ou recordação devesse ser transmitida à posteridade além de uma inscrição gravada em seu túmulo, quando ela tivesse pago seu último tributo à natureza: “Aqui jaz Elizabeth, que viveu e morreu como uma rainha virgem.”<sup>28</sup>

Assim fica resolvida a vulnerabilidade feminina em relação à influência de seus maridos. Ao longo da narrativa, Hume vai eliminando as características femininas que poderiam atrapalhar Elizabeth em seu governo e chega, por fim, a afirmar que seu caráter era masculino.<sup>29</sup> Quando Elizabeth morre faz o seguinte balanço:

Quando a contemplamos como mulher, somos impactados com a maior admiração por suas grandes qualidades e extensa capacidade, mas poderíamos desejar um pouco mais de suavidade de disposição, maior leveza de temperamento, algumas dessas amigáveis fraquezas pelas quais seu sexo é conhecido. **Mas o verdadeiro método para reconhecer seu mérito é deixar de lado todas essas considerações, e avaliá-la meramente como um ser racional**, elevado à uma posição de autoridade e ao qual foi confiado o governo da humanidade. Podemos achar isso difícil de conciliar com nossas fantasias dela como esposa ou amante, mas suas qualidades como soberana, apesar de algumas exceções consideráveis, são objeto de aplauso e admiração unânimes.<sup>30</sup>

<sup>27</sup> “These punishments, however severe, were less rigorous than those which were formerly, during the reigns of her father and brother, inflicted in like cases”. HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 6.

<sup>28</sup> “That as England was her husband, wedded to her by this pledge (and here she showed her finger with the same gold ring upon it, with which she has solemnly betrothed herself to the kingdom at her inauguration) so all Englishmen were her children [...] And that for her part, she desired that no higher character, or fairer remembrance of her should be transmitted to posterity, than to have this inscription engraved on her tomb-stone, when she should pay the last debt to nature; “Here lies Elizabeth, who lived and died a maiden queen”. HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 7.

<sup>29</sup> HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 51.

<sup>30</sup> “When we contemplate her as a woman, we are apt to be struck with the highest admiration of her great qualities and extensive capacity; but we are also apt to require some more softness of disposition, some greater levity of temper, some of those amiable weaknesses by which her sex is distinguished. **But the true method of estimating her merit, is to lay aside all these considerations, and consider her merely as a rational being**, placed in authority, and entrusted with the government of mankind. We may find it difficult to reconcile our fancy to her as a wife or a mistress; but her qualities as a sovereign, though with some considerable exceptions, are the object of undisputed applause and admiration”. HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 246. Grifos nossos.



Ao contrário do que ocorreu na descrição do caráter feito por ocasião da morte de Mary I e Mary, rainha da Escócia, aqui Hume não recorre a nenhum artifício subjetivo para descrever Elizabeth. Porém, isso não quer dizer que em momento algum isso não foi empregado em relação a esta rainha. Tentando descobrir a causa da doença de Elizabeth, Hume aponta duas explicações. A primeira é que Elizabeth teria ficado arrependida de ter perdoado Tyrone e, a segunda, seria a descoberta de correspondências entre sua corte e seu sucessor, o rei da Escócia. Hume aponta que:

há outra causa atribuída a sua melancolia, que tem sido rejeitada pelos historiadores como romântica, mas que últimas descobertas parecem confirmar: alguns incidentes ocorreram que reviveram seu carinho por Essex, e a encheu com o mais profundo pesar pelo consentimento que desavisadamente deu para sua execução.<sup>31</sup>

Hume relata que Elizabeth havia dado um anel a Essex como sinal de sua fidelidade, dizendo que se algum dia fosse impelida a cometer algo contra ele bastava devolver o anel que entenderia o sinal. Depois de sua condenação, Essex pediu para que a condessa de Nottingham entregasse o anel a Elizabeth, mas esta foi forçada por seu marido, inimigo mortal de Essex, a não entregá-lo. Contudo, tendo

a condessa de Nottingham adoecido e afetada pela proximidade da morte foi tomada de remorso pela sua conduta e obtendo uma visita da rainha, implorou seu perdão revelando a ela seu fatal segredo. A rainha, atônita com este incidente, explodiu em uma paixão furiosa. Ela sacudiu a moribunda condessa em sua cama, gritando que *Deus poderia perdoá-la, mas ela nunca poderia*, ela deixou a condessa e, desde então, resignou-se a mais profunda e mais incurável melancolia. Ela recusou toda consolação. Recusou inclusive comida e sustento. Lançando-se no chão, permaneceu fechada e imóvel, alimentando seus pensamentos e aflições, declarando a vida e a existência um fardo insuportável. **Poucas palavras deixou escapar, e eram todas expressões de algum sofrimento interior que cuidava por não revelar. Suspiros e gemidos eram as principais expressões que dava para a sua dor a qual, embora tenham descoberto a razão não foram capazes de fazer cessar ou aliviar.** Dez dias e noites permaneceu sob o tapete, recostada na almofada que suas damas lhe haviam trazido.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> “There is another cause assigned for her melancholy, which has long been rejected by historians as romantic, but which late discoveries seem to have confirmed: Some incidents happened, which revived her tenderness for Essex, and filled her with the deepest sorrow for the consent, which she had unwarily given to his execution”. HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 244.

<sup>32</sup> “The countess of Nottingham, falling into sickness, and affected with the near approach of death, was seized with remorse for her conduct; and having obtained a visit from the queen, she craved her pardon, and revealed to her the fatal secret. The queen, astonished with this incident, burst into a furious passion: She shook the dying countess in her bed; and crying to her *That God might pardon her, but she never could*, he broke from her, and thenceforth resigned herself over to the deepest and most incurable melancholy. She rejected all consolation: She even refuse food and sustenance: And



Depois disso Elizabeth morreu. É curioso como essa descrição só aparece quando está relacionada a alguma mulher e, normalmente, é provocada por um homem. Hume achava mais fácil se identificar e se emocionar com a desgraça feminina ou, talvez, que estas estivessem mais propícias a isso. Não é de todo surpreendente que o romance terá como principais personagens mulheres. A empatia, no sentido de identificação, é um dos elementos principais para que ocorra a sentimentalidade, pois a identificação com a personagem tem que ocorrer em alguma medida.<sup>33</sup> No caso de Mary, a rainha da Escócia, é nítido o viés pela qual tal identificação ocorre, pela desgraça da pobre rainha tanto no casamento quanto nas perseguições políticas de Elizabeth que ressaltam ainda mais a sua infelicidade. Os momentos sentimentais encontrados na narrativa de Hume não são paulatinamente desenvolvidos até chegar ao seu ápice, mas são momentos isolados que parecem independentes de todo o resto da obra.<sup>34</sup> Ou seja, são momentos impactantes dentro da composição e possíveis de serem retirados da narrativa sem nenhum prejuízo para o enredo. Hume não contradiz Aristóteles em sua proposição de que “o estímulo do preconceito, piedade, raiva e emoções similares nada têm a ver com os fatos essenciais, mas é meramente um apelo pessoal para o homem que está julgando o caso”.<sup>35</sup>

### III. Jane Austen: romance, história e realidade

#### A. Educação para a vida

Jane Austen, juntamente com outros romancistas, teve grande preocupação com a produção de uma narrativa verossímil e realística. Em seu livro **A Abadia de**

---

throwing herself on the floor, she remained sullen and immoveable, feeding her thoughts an her afflictions, and declaring life and existence an insufferable burthen to her. **Few words she uttered; and they were all expressive of some inward grief, which she cared not to reveal: But sighs and groans were the chief vent, which she gave to her despondency, and which, though they discovered her sorrows, were never able to ease or assuage them.** Ten days and nights she lay upon the carpet, learning on cushion which her maids brought her [...].HUME, David. **History of England**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983, v. 4, p. 244. Grifos nossos.

<sup>33</sup> WATT, Ian. A experiência privada e o romance. In: \_\_\_\_\_. **A Ascensão do Romance**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, aponta que a identificação no romance não ocorre com a ação, mas com os próprios agentes, p. 174.

<sup>34</sup> PHILLIPS, Mark Salber. **Society and Sentiment**. New Jersey: Princeton University Press, 2000, p. 257-258.

<sup>35</sup> “The arousing of prejudice, pity, anger, and similar emotions has nothing to do with the essential facts, but is merely a personal appeal to the man who is judging the case”. ARISTOTLE. **Rhetoric**. Translated by W. Rhys Roberts. Mineola: Dover Thrift Editions, 2004, 1, 1354a, 15.

**Northanger** a autora faz uma paródia dos romances góticos. Acreditando que sua estrutura era muito fantasiosa e que induziria seu leitor a entender o mundo de uma forma inadequada. A autora explicita esta concepção através da personagem Catherine Morland, que adora ler romances góticos e quando se hospeda em uma abadia antiga logo imagina que encontrará os mesmos desafios que lia nos livros. Porém, não encontra nada diferente do mundo real. Através dessa personagem, Austen crítica a realidade apresentada nos romances góticos, o que já era uma prática corrente pelo menos desde **Waverly** de Sir Walter Scott.<sup>36</sup> Austen achava que se utilizar de cenários pitorescos e incidentes incomuns não era a melhor forma de representar a realidade e buscou novos métodos. Essa busca por uma maior aproximação com a realidade fez com que os romancistas adquirissem outras preocupações. Em carta a sua sobrinha, que estava escrevendo um romance, Jane Austen a adverte sobre alguns pontos:

Minhas correções não são mais importantes que antes; – aqui & ali achamos que o sentido talvez possa ser expresso com menos palavras – e eu cortei o Senhor Tho: por caminhar com o outro Homem até o Estábulo no mesmo dia em que quebrou o braço – pois embora eu saiba que seu Pai realmente andou imediatamente após seu braço ter sido ajeitado, penso que isso pode ser tão pouco usual como *parecer* não natural em um livro [...].<sup>37</sup>

Esse desejo de uma representação literária adequada da realidade leva ao desenvolvimento daquilo que Ian Watt chamou de “realismo formal”. Jane Austen é muito conhecida pelas suas críticas a posturas que não considerava convenientes, tal que, grande parte de sua obra é composta de paródias. Austen viu a necessidade de escrever seus romances com o maior grau de verossimilhança com a realidade, tal postura é transposta para a escrita da história pela romancista. Resta saber o que tornaria um relato histórico verossímil na concepção de Austen.

Em **A Abadia de Northanger** a romancista submete também a história à crítica. Catherine expõe a sua opinião de não gostar de ler história, em contrapartida, a senhorita Tilney e seu irmão afirmam que as lêem. Catherine alega que aprecia muito

<sup>36</sup> SCOTT, Sir Walter. **Waverly**. Harmondsworth: Penguin Books, 1985. p. 33-35.

<sup>37</sup> “My Corrections have not been more important than before;- here & there, we have thought the sense might be expressed in fewer words – and I have scratched out Sir Tho: from walking with the other Men to the Stables &c the very day after his breaking his arm – for though I find your Papa *did* walk out immediately after *his* arm was set, I think it can be so little usual as to *appear* unnatural in a book [...]”. AUSTEN, Jane. Letters. In: \_\_\_\_\_. **Pride and Prejudice**. New York: Norton Critical Edition, 2001, p. 275.

ler romances e poesias, mas não gosta de ler “the real solemn history”. Eleanor diz que adora história e Catherine responde que lia história:

um pouco como um dever, mas não lhe disse nada que não poderia igualmente me irritar ou aborrecer. As querelas de papas e reis, com guerras e pestes, em cada página; os homens tão bons por nada, e dificilmente alguma mulher – isto é muito chato: e ainda eu penso freqüentemente ser estranho que seja tão insípido, porque uma grande parte disto há de ser invenção. Os discursos que são postos nas bocas dos heróis, seus pensamentos e planos – a maior parte de tudo isto deve ser invenção, e a invenção é o que me dá mais prazer em outros livros.<sup>38</sup>

Catherine aponta três motivos para não gostar de ler livros de história. O primeiro deles é a falta de emoção da narrativa que faz com que nada a irrite ou a desgoste. O segundo é que a história trata de disputas de papas e reis, de guerras e coisas distantes de sua realidade. Por fim, Catherine alega que não há mulheres nos livros de história, logo ela não poderia identificar-se com o que estava sendo narrado. Para Catherine, a história não passa de invenção como o romance, pois as palavras e pensamentos que os heróis exprimem são pura composição. Podemos notar que as críticas de Catherine se remetem a um tipo muito peculiar de história que ela chama de “real solemn history”, o qual poderíamos entender como a história política escrita nos moldes clássicos.

Todas as objeções de Catherine já haviam sido respondidas por David Hume. A história que Hume escreveu tentou, na medida do possível, colorir e dar vida ao movimento histórico. Essa coloração foi feita muitas vezes com a inserção do sentimento, ou seja, da comoção e da piedade na narrativa. Hume também escreveu uma história filosófica, preocupado não apenas com as disputas políticas, mas também com os costumes dos povos. É desnecessário apontar que as mulheres, principalmente enquanto rainhas, obtiveram grande destaque em sua história.

Na continuação do diálogo, a “heroína” Eleanor Tilney comenta que gosta de ler história e com facilidade toma o falso por verdadeiro. Para ela, “se um discurso é tão bem composto, eu o leio com prazer, não importa por quem tenha sido feito – e

---

<sup>38</sup> “I read it a little as a duty, but it tells me nothing that does not either vex or weary me. The quarrels of popes and kings, with wars or pestilences, in very page; the men all so good for nothing, and hardly any women at all – it is very tiresome: and yet I often think it odd that it should be so dull, for a great deal of it must be invention. The speeches that are put into the heroes’ mouth, their thoughts and designs – the chief of all this must be invention, and invention is what delights me in other books”. AUSTEN, Jane. *Northanger Abbey*. In: \_\_\_\_\_. **The Penguin Complete Novels of Jane Austen**. Harmondsworth: Penguin Books, 1984, p. 1062.

provavelmente com maior prazer, se é uma composição do Sr. Hume ou do Sr. Robertson do que as palavras genuínas de Caractacus, Agrícola ou Alfredo, o Grande”.<sup>39</sup> Eleanor não está apenas colocando a problemática que envolve a inserção dos discursos dentro da escrita da história, mas aponta a sua preferência pelos historiadores modernos.

Uma das queixas de Catherine era que a história não a interessava por ser pálida. Contudo, Hume afirma que “os escritores de história, assim como seus leitores, são suficientemente interessados nos caracteres e eventos, para ter um sentimento vívido de prazer ou culpa; e, ao mesmo tempo, não têm qualquer interesse particular ou preocupação que pervertam seus julgamentos”.<sup>40</sup> Para Hume, a história é escrita para comover, mas é ainda uma comoção que ensina as virtudes.

Todas as críticas feitas pela personagem Catherine foram “respondidas” pela historiografia setecentista. Propomos que a crítica de Austen, se realmente é dela, não pode ser entendida como uma crítica à História, mas a um tipo de história que foi sendo cada vez mais abandonado pela moderna historiografia inglesa. Em **Mansfield Park** há um diálogo exemplificador entre as senhoritas Bertram e a senhora Norris sobre os conhecimentos da personagem principal, Fanny:

‘Mas tia, você sabe que ela é realmente muito ignorante, perguntamos a ela ontem a noite qual caminho deveríamos tomar para ir a Irlanda; e ela disse que se deveria cruzar a ilha de Wight. Ela não pensa em nada além da Ilha de Wight, e a chama de “A Ilha” como se não houvesse outra no mundo. Tenho certeza que estaria envergonhada se, muito mais nova que ela, não tivesse maiores conhecimentos. Não posso lembrar do tempo em que eu desconhecesse tantas coisas das quais ela não possui ainda qualquer noção. Quanto tempo faz, tia, que costumávamos **repetir a ordem cronológica dos reis da Inglaterra, com as datas de suas ascensões, e a maior parte dos principais eventos de seus reinados!**’ ‘Sim’, disse a outra, ‘e dos imperadores romanos até Severus; além de uma grande parte da Mitologia Celeste, e todos os metais, semi-metais, os planetas e filósofos famosos’. ‘Verdade, minhas caras, mas vocês foram abençoadas com uma memória fantástica, e sua pobre prima com provavelmente nenhuma.

<sup>39</sup> “If a speech be well drawn up, I read it with pleasure, by whomsoever it may be made – and probably with much greater, if the production of Mr. Hume or Mr. Robertson, than if the genuine words of Caractacus, Agricola or Alfred the Great”. AUSTEN, Jane. Northanger Abbey. In: \_\_\_\_\_. **The Penguin Complete Novels of Jane Austen**. Harmondsworth: Penguin Books, 1984, p. 1062.

<sup>40</sup> “The writes of history, as well as the readers, are sufficiently interested in the characters and events, to have a lively sentiment of blame or praise; and, at the same time, have no particular interest or concern to pervert their judgment”. HUME, David. **Essays**. Indianapolis: Liberty Fund, 1985, p. 568.

Há uma grande diferença entre as memórias, como em tudo o mais na vida [...].<sup>41</sup>

O conhecimento que a personagem Bertram se vangloria de possuir e acha estranho que Fanny não possua é o aprendizado adquirido na escola, baseado na repetição da “ordem cronológica dos reis da Inglaterra, com as datas de suas ascensões, e a maior parte dos principais eventos de seus reinados”. O conhecimento que Jane Austen propõe para a história vai contra o simples processo de memorização e se aproxima muito mais de um conhecimento complexo do funcionamento da sociedade e da alma humana.

### B. “Uma historiadora preconceituosa e ignorante”

Austen também escreveu uma **History of England** em 1791, que começa no reinado de Henry IV e vai até Charles I. Esta é uma paródia da **History of England** de Oliver Goldsmith escrita em 1771, composta em forma de compêndio para o ensino de história nas escolas. Diferentemente do recorte de Austen, o livro de Goldsmith vai da invasão de Julio César até o reinado de George II. Austen ignora completamente as origens romanas da Inglaterra e funda a sua história sobre os Tudors. Um dos elementos marcantes na **History of England** de Austen é seu constante julgamento crítico de eventos e caracteres. Por isso, adverte no começo do livro com a frase: “História da Inglaterra de Jane Austen, por uma historiadora preconceituosa e ignorante”.<sup>42</sup> Essa afirmação provavelmente é reflexo das críticas feitas a Goldsmith. Este autor, consagrado por escrever romances e pelo seu estilo fácil de ser lido, motivo pelo qual foi convidado a escrever história, foi severamente criticado em sua época, pois sua história “não era marcada por profundidade de observação ou detalhamento e acuidade

---

<sup>41</sup> “But, aunt, she is really so very ignorant you know, we asked her last night, which way she would go to get to Ireland; and she said, she should cross to the Isle of Wight. She thinks of nothing but the Isle of Wight, and she calls it “the Island” as if there were no other island in the world. I am sure I should have been ashamed of myself, if I had not known better long before I was so old as she is. I cannot remember the time when I did not know a great deal that she has not the least notion of yet. How long ago it is, aunt, since **we used to repeat the chronological order of the kings of England, with the dates of their accession, and most of the principal events of their reigns!**” “Yes,” added the other; “and of the Roman emperors as low as Severus; besides a great deal of the Heathen Mythology, and all the Metals, Semi-Metals, Planets, and distinguished philosophers”. “Very true, indeed, my dears, but you are blessed with wonderful memories, and your poor cousin has probably none at all. There is a vast deal of difference in memories, as well as in everything else [...]”. In: AUSTEN, Jane. **Mansfield Park**. Wordsworth Editions Limited: Hertfordshire, 1992, p. 91-93. Grifo nosso.

<sup>42</sup> “Jane Austen's History of England by a partial prejudiced and ignorant historian”. AUSTEN, Jane. **History of England**. p. 1. <<http://home.earthlink.net/~lfdean/austen/history/fulltext.html>> Acesso em: 11/04/2006.

de pesquisa”,<sup>43</sup> fatores os quais levaram Goldsmith a incorrer em inúmeros erros de erudição. Goldsmith, assim como tantos outros historiadores, também foi criticado pela sua parcialidade. Austen problematiza essa constante crítica ao trabalho historiográfico no decorrer de toda **History of England**. Ora diz que não pode escrever sobre Henry VI, um Lancaster, já que a autora, por ser uma York, está impossibilitada de escrever uma história que não esteja de acordo com as suas paixões. Ora dizendo que por ser católica, é “com infinito pesar que sou obrigada a acusar o comportamento de qualquer de seus membros”.<sup>44</sup>

Jane Austen propõe uma concepção mais ampla da abordagem historiográfica que se aproxima da história dos costumes e hábitos dos povos e defende a inserção do sentimento na narrativa, fatores estes que foram defendidos pela historiografia moderna. Em uma de suas cartas a Martha Lloyd datada de 12 de novembro de 1800, Austen faz o seguinte comentário sobre a **History of England**, de Robert Henry:

Eu estava lendo a História da Inglaterra de Henry, a qual irei repetir para você na maneira que preferir, tanto em fluxo frouxo, caótico e desconexo, quanto dividindo a narrativa, como o próprio historiador o faz, em sete partes: – O Civil e o Militar: Religião: Constituição: Conhecimento e Homens de Letras: Artes e Ciências: Comércio, Moedas e Navegação: E Costumes. De tal modo que em toda a tarde da semana haverá um assunto diferente. A escolha da sexta – Comércio, Moedas e Navegação – você achará a menos recreativa; mas a porção da próxima tarde corrigirá isto. Com tal cuidado de minha parte, se você fizer a sua repetindo a gramática francesa, e a Senhora Stent eventualmente disser certas maravilhas sobre galos e galinhas, o que mais poderemos querer?<sup>45</sup>

Austen comenta ironicamente o modo como Henry divide a história, sete capítulos que se reunidos não conseguem comunicar a história da Inglaterra. Contudo,

<sup>43</sup> “Was not remarkable for either depth of observation or minute accuracy of research” IRVING, Washington. Chapter XXXI. In: \_\_\_\_\_. **Oliver Goldsmith: a biography**. [www.projeto Gutenberg](http://www.projeto Gutenberg), e-book.

<sup>44</sup> “With infinite regret that I am obliged to blame the Behaviour of any Member of it”. AUSTEN, Jane. **History of England**. p. 1. <<http://home.earthlink.net/~lfdean/austen/history/fulltext.html>> Acesso em: 11/04/2006.

<sup>45</sup> “I am reading Henry's History of England, which I will repeat to you in any manner you may prefer, either in a loose, desultory, unconnected stream, or dividing my recital, as the historian divides it himself, into seven parts: – The Civil and Military: Religion: Constitution: Learning and Learned Men: Arts and Sciences: Commerce, Coins, and Shipping: and Manners. So that for every evening in the week there will be a different subject. The Friday's lot – Commerce, Coins, and Shipping – you will find the least entertaining; but the next evening's portion will make amends. With such a provision on my part, if you will do yours by repeating the French Grammar, and Mrs. Stent will now and then ejaculate some wonder about the cocks and hens, what can we want?”. AUSTEN-LEIGH, James Edward. *Memoir of Jane Austen*, 1870. In: JOHNSON, Reginald Brimley. (Org.). **The Novels and Letters of Jane Austen**. New York, 1906. [www.projeto Gutenberg](http://www.projeto Gutenberg), e-book.



se há algo de interessante dentro desta história, é o capítulo sete que se refere às hábitos, virtudes, os vícios, costumes notáveis, a linguagem, vestimenta, alimentação e outros assuntos diversos. Henry foi criticado por escrever uma história que não se preocupou o suficiente com os costumes.<sup>46</sup> Em outra passagem, de **Mansfield Park**, na qual Austen fala da importância de Fanny para Susan, deixa claro o porque de sugerir uma história que englobe os costumes dos povos e o sentimento e que, em certa medida, se aproxime do romance:

Fanny era sua oráculo. As explicações e observações de Fanny eram os mais importantes adendos para qualquer ensaio, ou cada capítulo da história. O que Fanny disse a ela sobre os tempos antigos, habita mais em sua mente que as páginas de Goldsmith; ela prestou a sua irmã o cumprimento de preferir seu estilo que o daquele autor impresso.<sup>47</sup>

O que Susan aprendeu com Fanny é superior a qualquer livro de história, pois com ela aprendeu que o mundo da vida não é formado apenas pelas grandes batalhas, pelos nomes dos reis e grandes feitos.

#### IV. Conclusão

David Hume escreveu uma história da Inglaterra que, de um lado, seguia o modelo clássico de escrita da história baseado nos grandes feitos e em um estilo elevado e, do outro, preocupou-se em retratar o espírito da nação e expandir o foco narrativo. Um dos elementos principais e tipicamente moderno de sua **History of England** é a construção e explicação do agente histórico pelos seus sentimentos. Em alguns casos, Hume substitui a comoção clássica pela comoção moderna fundamentada na identificação com o personagem por meio dos seus pensamentos mais íntimos. A historiografia, apesar de sempre se defender como um gênero “sério”, foi afetada e teve que responder a nova organização social burguesa, que tinha o sentimento como fator explicativo e, de certa forma, determinante do ser humano. Assim, o sentimento dentro do romance e da historiografia pode ser visto como um sintoma típico da sociedade

---

<sup>46</sup> O próprio Goldsmith proferiu críticas a Henry por não ter se concentrado o suficiente na história dos costumes e hábitos dos povos, WOOLF, Daniel. Jane Austen and history revisited: the past, gender, and memory from the restoration to Persuasion. **Persuasions**: the Jane Austen journal, v. 26, 2004, nota 11.

<sup>47</sup> “Fanny was her oracle. Fanny's explanations and remarks were a most important addition to every essay, or every chapter of history. What Fanny told her of former times, dwelt more on her mind than the pages of Goldsmith; and she paid her sister the compliment of preferring her style to that of any printed author”. AUSTEN, Jane. **Mansfield Park**. Wordsworth Editions Limited: Hertfordshire, 1992, p. 1302.

burguesa. Na virada do século XVIII para o XIX, a romancista Jane Austen, através de apontamentos críticos à história, muitas vezes entendida como sendo da própria romancista ao gênero,<sup>48</sup> coloca sua personagem, no mínimo inculta, com uma opinião contra um certo tipo de história. E a ironia de Austen mais uma vez se mostra. Catherine critica uma história que nem pode ser conceituada como antiga ou como moderna. É uma concepção historiográfica de uma personagem que não lê história ou, pelo menos, lê muito pouco. As objeções de Catherine não fazem parte do debate entre as pessoas que conhecem o rumo que a forma de se escrever história está tomando. A crítica de Catherine demonstra um escasso conhecimento desta personagem do gênero história. É pouco provável que a opinião rasa de Catherine seja a de Austen. A romancista sempre teve um grande interesse pela escrita da história como demonstra a sua paródica **History of England** composta quando tinha 16 anos e seu comentário sobre a **History of England** de Robert Henry. Em outros escritos de Austen, principalmente em seus romances, percebe-se uma preocupação da autora com a função realística dos escritos relacionados ao mundo da vida. Assim como o romance, Austen achava que a história deveria ensinar algo além dos acontecimentos memoráveis e dos grandes nomes. Com a proposta de um conhecimento realístico do homem e sua realidade baseado na identificação, Austen avaliza a proposta da historiografia moderna inglesa fundamentada em uma história dos costumes.

---

<sup>48</sup> Para um posicionamento que acredita que a opinião de Catherine seja a de Austen sobre a história: WOOLF, Daniel. Jane Austen and history revisited. **Persuasions: the Jane Austen journal**, v. 26, 2004, p. 218 e para um que diverge desta e que se aproxima com a nossa perspectiva: PHILLIPS, Mark Salber. **Society and Sentiment**. New Jersey: Princeton University Press, 2000, p. 141.